
INDÚSTRIA

Atividade industrial: possibilidades e constrangimentos*

*André Luís Forti Scherer***

O primeiro trimestre de 1995 mostrou-se repleto de acontecimentos quanto à política econômica no Brasil. O alerta vindo do México, somado a consecutivos resultados negativos na balança comercial a partir de novembro de 1994, acabaram por forçar uma mudança da rota observada a partir da implantação do plano de estabilização, o qual pressupõe a manutenção de uma taxa de câmbio nominal relativamente estável. Essas modificações levaram a um deslocamento — temporário, segundo o Governo —, do foco principal da política econômica. A maior fonte de instabilidade do plano passa a ser percebida como o saldo comercial brasileiro, em detrimento do nível de preços interno, na tentativa de impedir a repetição das trajetórias mexicana e argentina.

As modificações no contexto internacional e a atenção da equipe econômica com a potencial deterioração das contas comerciais brasileiras fortaleceram as preocupações anteriormente reveladas quanto ao elevado nível de consumo vigente após o plano de estabilização. Assim, embora a taxa de inflação mantenha-se em um patamar reduzido, no início do ano de 1995, o Governo editou medidas dificultando o crédito, visando a uma pressão menor sobre o volume das importações e os preços internos. Essas modificações ainda não se fizeram sentir com a intensidade desejada sobre a demanda global, não estando descartada a possibilidade de novas medidas restritivas ao consumo.

O bom desempenho da atividade industrial em 1994 — crescimento de 7,86% da indústria de transformação frente a 1993 — decorreu principalmente da aceleração no ritmo de crescimento da atividade daquele ano. Coloca-se,

* Texto elaborado com informações disponíveis até 12.04.95.

** Economista da FEE e Professor da UNISINOS

então, a questão quanto aos reflexos que a modificação na rota do plano de estabilização — e as medidas daí decorrentes — possa vir a ter sobre o desempenho do setor industrial, ou seja, quais as perspectivas da indústria brasileira em 1995, dado esse novo cenário.

Nesse sentido, torna-se importante a visualização do desempenho da indústria brasileira em 1994, buscando-se identificar o patamar em que se encontrava a atividade industrial ao final daquele ano, o qual condiciona a resposta da indústria às mudanças hora em curso.

A relativa escassez de dados quanto ao desempenho da indústria no primeiro trimestre, por sua vez, limita em muito a abrangência da análise quanto às conseqüências das modificações no plano para a indústria.

1 - Uma visão do desempenho da indústria brasileira em 1994: a importância do plano de estabilização

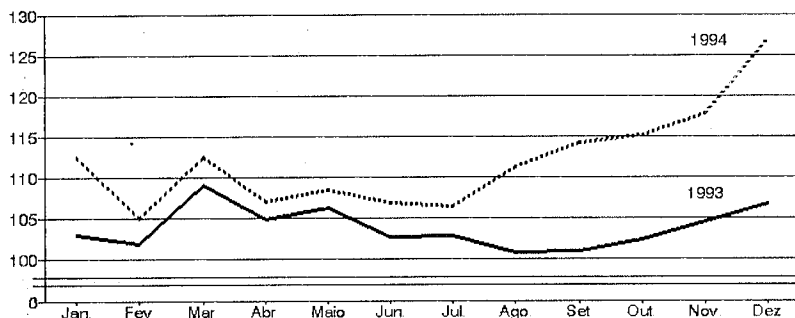
A produção da indústria de transformação brasileira durante o ano de 1994 encontrou-se sempre superior à dos meses correspondentes de 1993. Até o mês de julho, verificou-se um crescimento moderado frente ao mesmo período do ano anterior. A partir do mês de agosto, a produção industrial cresceu continuamente, atingindo seu ponto máximo em dezembro de 1994 — 27,02% superior à média de 1991 e 10 pontos percentuais acima do índice observado para novembro. Frente à dezembro de 1993, a produção da indústria de transformação brasileira teve um acréscimo superior a 20 pontos percentuais em dezembro de 1994.

A observação do Gráfico 1 permite identificar esses dois momentos distintos. Ressalte-se que a atividade industrial se encontrava praticamente estável entre maio e julho de 1994, com redução no ritmo de seu crescimento. Foi concomitantemente à queda nas taxas de inflação e à expansão das possibilidades de endividamento dos consumidores que se deu o crescimento maior da produção industrial, evidenciando a importância do êxito inicial do plano de estabilização para o resultado alcançado pela indústria brasileira em 1994.

Para o desempenho alcançado em 1994, contribuiu de forma expressiva a recuperação na produção dos bens de capital. Essa categoria de uso apresentou um crescimento em sua produção de 43,47% em dezembro de 1994 frente à média de 1991 — ressaltando-se a precária base que esse ano representa, devido ao fraco desempenho das indústrias de bens de capital naquela ocasião — e de 35 pontos percentuais em relação à produção de dezembro de 1993. No ano de 1994, a produção de bens de capital teve um acréscimo de 18,59% frente à de 1993.

GRÁFICO 1

ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA — 1993-94

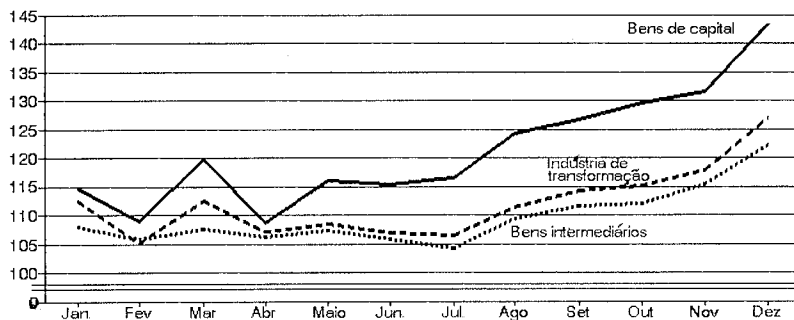


FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Brasil, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

NOTA: Base: média de 1991 = 100.

GRÁFICO 2

ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO, NO BRASIL — 1994



FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Brasil, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

NOTA: Base: média de 1991 = 100.

Esse crescimento foi alavancado pelo expressivo avanço na produção de tratores e máquinas rodoviárias, que atingiu um desempenho 49,85% superior em 1994 quando comparado ao de 1993. A produção de máquinas, por sua vez, teve um incremento de 16,90%, tomando-se por base o mesmo período.

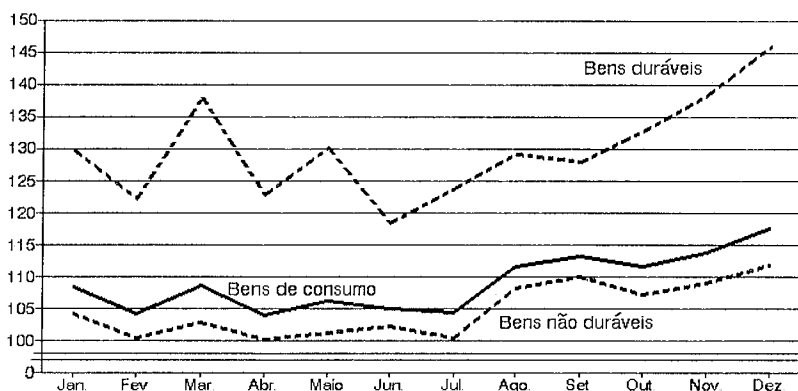
No último trimestre de 1994, houve um destacado crescimento na produção de bens intermediários. Essa encontrava-se 22,16% superior à média de 1991 no mês de dezembro. No ano, a produção de bens intermediários foi 6,49% superior à de 1993.

Tal desempenho deve-se, em grande parte, ao crescimento na produção de produtos petroquímicos básicos e intermediários, com elevação de 31,74% em dezembro de 1994 frente a igual mês do ano anterior. O incremento na produção da indústria petroquímica durante o último trimestre de 1994 foi fundamental para a superação da produção do ano anterior em 9,51%.

O desempenho dos bens de consumo, por sua vez, também apresentou, no mês de dezembro, o seu melhor resultado de 1994, com crescimento de 11,57 pontos percentuais quando comparado ao do mesmo mês do ano anterior. O resultado para o ano de 1994 apontou uma produção 4,42% superior à do ano anterior.

GRÁFICO 3

ÍNDICES DESSAZONALIZADOS DA PRODUÇÃO DE BENS DE CONSUMO NO BRASIL — 1994



FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Brasil, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

NOTA: Base: média de 1991 = 100.

O aumento na produção dos bens de consumo esteve fortemente ligado ao bom desempenho da categoria bens de consumo duráveis durante todo o ano de 1994, como pode ser constatado a partir da observação do Gráfico 3. Essa categoria manteve, durante 1994, uma produção aproximadamente 30% superior à de 1991, chegando, em dezembro, a um crescimento de 45,89% frente a essa base de comparação. Com relação a 1993, o crescimento da produção dos bens de consumo duráveis atingiu 15,51%.

As indústrias que mais contribuíram para esse desempenho foram as de televisores, rádios e equipamentos de som e as de automóveis, utilitários, caminhões e ônibus, com crescimento de 38,03% e 14,57% frente ao de 1993, respectivamente.

Já a produção de bens não duráveis teve desempenho pouco acima do médio de 1991 até julho de 1994. A partir de agosto, mudou de patamar, atingindo, em dezembro, um crescimento de 11,08% nessa base de comparação. Em 1994, a produção dos bens não duráveis foi 1,94% superior à obtida em 1993.

A partir desse conjunto de dados, fica evidenciada a trajetória ascendente que a produção industrial brasileira tomou no contexto da estabilização da economia. Essa rota atingiu seu ponto máximo no mês de dezembro, com a produção encerrando o ano bastante aquecida, contrariando, inclusive, a tendência sazonal de desaceleração que esse mês apresenta, uma vez já terem sido produzidas as encomendas para as festas de fim de ano.

2 - Utilização da capacidade instalada e crescimento da atividade industrial

É sabido que a estrutura industrial brasileira apresentava alguma capacidade ociosa em suas instalações por ocasião da implementação do plano de estabilização — a utilização da capacidade encontrava-se em 79%. Assim, a expansão que marcou a atividade industrial a partir de então deu-se com a maior ocupação da capacidade até então não utilizada. Para uma projeção da potencialidade do crescimento da indústria brasileira em 1995, torna-se relevante a observação da capacidade ociosa ainda remanescente após esse aquecimento na produção, bem como a constatação do papel que ocupam na estrutura industrial aquelas indústrias que se encontram mais próximas do esgotamento de sua capacidade.

A Tabela 1 mostra a evolução da utilização média da capacidade instalada medida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para alguns gêneros e categorias de uso da indústria de transformação no Brasil, com dados disponíveis até o mês de janeiro de 1995.

Tabela 1

Utilização média da capacidade instalada na indústria
de transformação brasileira - 1993/95

(8)

DISCRIMINAÇÃO	1993				1994				1995
	Jan.	Abr.	Jul.	Out.	Jan.	Abr.	Jul.	Out.	Jan.
Indústria de transfor- mação	72	77	79	79	77	79	80	83	83
Bens de consumo	72	77	80	80	76	81	82	87	86
Bens de capital	63	69	72	67	62	74	74	78	71
Material de construção	67	70	70	69	70	73	73	78	81
Bens de consumo inter- mediário	80	85	87	85	84	84	87	88	87
Metalurgia	81	83	84	83	85	86	89	86	89
Mecânica	66	71	69	73	68	77	77	79	79
Material elétrico e de comunicações	61	72	71	71	70	77	76	78	73
Material de transporte	72	77	85	84	76	86	87	91	86
Mobiliário	72	78	75	76	73	74	77	84	81
Celulose, papel e pa- pelão	85	90	90	87	85	87	89	95	95
Borracha	73	77	91	90	89	88	81	87	94
Química	80	86	88	88	86	84	86	86	86
Produtos de matérias plásticas	65	73	70	70	68	68	72	82	88
Têxtil	79	85	84	83	84	88	81	89	89
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	71	78	77	77	75	69	76	77	85
Calçados	70	77	77	77	80	68	75	76	84
Produtos alimentares	72	71	74	74	73	72	76	82	80
Bebidas	81	81	74	73	83	82	70	81	86
Fumo	73	76	98	79	77	74	74	71	81

FONTE: CONJUNTURA ECONÔMICA (1995). Rio de Janeiro: FGV, mar.

A observação da Tabela 1 mostra que o nível de utilização da capacidade instalada na indústria de transformação brasileira permaneceu estável em elevados 83% entre janeiro de 1995 e outubro de 1994 — índice seis pontos percentuais superior ao encontrado para janeiro de 1994.

O exame quanto à utilização da capacidade nas categorias de uso aponta um pequeno desaquecimento do nível de atividade neste início de 1995. Bens de capital, intermediários e de consumo tiveram uma menor utilização da capacidade em janeiro de 1995 do que a observada no mês de outubro de 1994.

Apenas dois gêneros industriais — mecânica e material elétrico e de comunicações — mostraram uma utilização da capacidade inferior a 80% em janeiro de 1995. Por outro lado, insumos importantes, como papel e papelão, borracha e produtos de matérias plásticas, têm reduzida capacidade para expressivos acréscimos em sua produção, o que pode limitar a potencialidade de expansão da atividade industrial em 1995.

A esse respeito, a pesquisa da FGV mostra que cresceram, no último trimestre de 1994, as menções à falta de matérias-primas e de embalagens como principais entraves ao aumento da produção em alguns setores da indústria (Conj. Econ., 1995, p.42).

A falta de matérias-primas foi citada como empecilho ao aumento da produção por 11% da indústria de transformação. Peças e componentes para caminhões e ônibus (100%), tintas, esmaltes e solventes (89%) e embalagens plásticas (84%) foram os setores industriais mais afetados.

A escassez de embalagens, por sua vez, foi citada por 7% da indústria de transformação, principalmente pelas indústrias de calçados (90%), perfumaria (81%) e de preparação de leite e derivados (75%).

Existem, portanto, fatores internos à estrutura industrial brasileira que limitam a manutenção de um ritmo veloz de crescimento da atividade industrial, como o ocorrido em dezembro de 1994, conforme o IBGE. Os dados quanto à utilização da capacidade mostram, entretanto, que ainda existem condições estruturais para um crescimento moderado em alguns gêneros industriais e que a manutenção da demanda no patamar já alcançado tem condições de ser satisfeita, embora mesmo esse nível de atividade já traga alguns problemas, como os observados com matérias-primas e embalagens, em algumas indústrias.

3 - Alguns dados sobre a atividade industrial no início de 1995

Como visto, a atividade industrial terminou o ano de 1994 bastante aquecida. As informações disponíveis até o momento para 1995 contemplam apenas o mês de janeiro para a indústria brasileira e fevereiro para a indústria paulista, tratando-se, portanto, de uma amostragem bastante reduzida para

que se estabeleça uma tendência quanto à direção da atividade industrial neste ano, principalmente por não abranger o período em que ocorreram as principais modificações na rota do plano de estabilização.

Os dados para a produção industrial brasileira mostram a manutenção da atividade em um patamar elevado, quando comparada ao começo de 1994. Segundo o IBGE, a produção industrial em janeiro esteve 17,29% acima daquela obtida no mesmo mês de 1994. Para a indústria paulista, o Indicador de Nível de Atividade (INA) da FIESP obteve um crescimento de 18,9% em fevereiro de 1995 frente ao mesmo mês do ano anterior.

Entretanto esses números não indicam um crescimento da atividade industrial frente aos meses imediatamente anteriores, tendo ocorrido uma interrupção no contínuo crescimento que se apresentava a partir de agosto.

O índice dessazonalizado do IBGE demonstra um ligeiro decréscimo da produção da indústria de transformação em janeiro de 1995 frente a dezembro, com queda de 1,03%. Esse resultado foi impulsionado pela redução na produção dos bens de consumo duráveis de 5,63% nesse período. As demais categorias de uso também apresentaram queda frente à de dezembro, com exceção dos bens de consumo não duráveis, que tiveram pequena elevação de 0,46% em sua produção. O INA, por sua vez, mostra uma redução de 1,9% na produção dessazonalizada em fevereiro na comparação com a de janeiro deste ano.

Essa pequena redução do nível da atividade no início do ano aparentemente descarta, ao menos momentaneamente, a possibilidade de manutenção do acelerado crescimento que marcou o final de 1994. No entanto não fica claro, ainda, tratar-se de um desaquecimento da atividade, como parece indicar o INA, ou da manutenção do patamar elevado, embora suportável, que encerrou 1994.

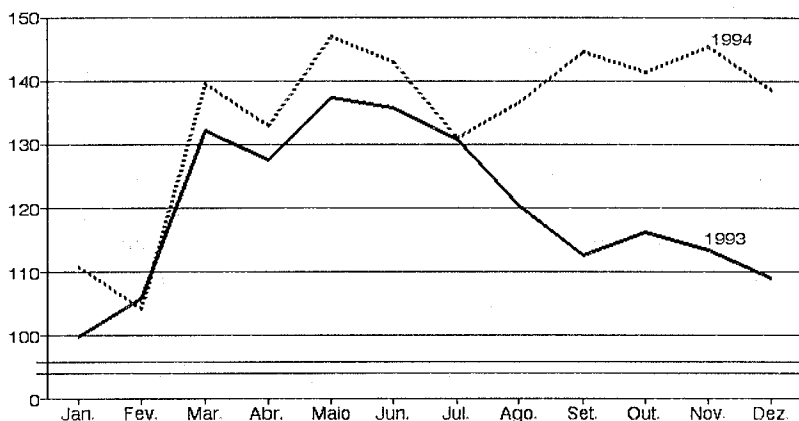
4 - Desempenho da indústria gaúcha

O resultado do mês de dezembro de 1994, com um crescimento de 21,79% frente ao do mesmo mês do ano anterior, levou a produção da indústria gaúcha a uma elevação de 7,53% em 1994. Esse resultado é praticamente o mesmo obtido pela indústria de transformação brasileira nesse período, ficando também evidenciada a importância do plano de estabilização para esse desempenho.

O desempenho da indústria gaúcha foi semelhante àquela apresentada pela indústria brasileira. Após um primeiro semestre ligeiramente superior a 1993, observa-se uma trajetória divergente na comparação entre esses dois anos, a partir de agosto de 1994. A um segundo semestre de desaquecimento da atividade em 1993 opõe-se o crescimento verificado com a queda da inflação no mesmo período, em 1994.

GRÁFICO 4

ÍNDICES DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL — 1993-94



FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Regional, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

NOTA: Base fixa mensal: média de 1991 = 100.

Para o crescimento obtido em 1994, destacou-se o desempenho de alguns gêneros industriais, especialmente mecânica, material elétrico e de comunicações, material de transporte e têxtil. Esses gêneros apresentaram em 1994 produção superior em mais de 20% àquela obtida em 1993. A indústria química, com um crescimento de 10,47% em relação a 1993, também teve expressiva contribuição para o resultado global atingido.

O gênero mecânica "puxou" a elevação da produção industrial gaúcha em 1994, com um crescimento de 38,33% frente a 1993. No mês de dezembro, a produção desse gênero foi 64,44% superior à do mesmo mês de 1993. O bom desempenho desse gênero deveu-se principalmente ao incremento da produção de máquinas agrícolas, que, como visto, também impulsionou a indústria de bens de capital a nível nacional.

Por sua vez, alguns gêneros ligados à categoria dos bens de consumo não duráveis, bastante importantes na estrutura industrial do Estado, apresentaram

desempenho inferior ao de 1993. Dentre esses, destacam-se: produtos alimentares (-2,64%); vestuário, calçados e artefatos de tecido (-9,39%) e fumo (-25,31%). Para alguns desses gêneros, a recuperação ocorrida após o início do plano de estabilização mostrou-se insuficiente para que atingissem, ao menos, a mesma produção de 1993, impedindo um desempenho superior para a indústria gaúcha. Também couros e peles (-10,45%), madeira (-1,92%) e papel e papelão (-1,50%) apresentaram queda na comparação com o ano anterior.

Tabela 2

Desempenho industrial regional, segundo os gêneros industriais,
em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina
e no Rio Grande do Sul - 1994

GÊNEROS	SÃO PAULO		PARANÁ	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	114,7	0,01	80,2	-0,07
Minerais não metálicos	105,7	0,19	93,5	-0,32
Metalúrgica	115,4	1,80	100,9	0,03
Mecânica	119,0	2,33	133,6	1,72
Material elétrico e de comunicação	110,7	1,01	126,2	1,58
Material de transporte	109,6	1,08	147,6	2,74
Madeira	102,3	0,02	96,4	-0,25
Mobiliário	98,7	-0,02	108,3	0,17
Papel e papelão	102,6	0,09	103,9	0,21
Borracha	104,4	0,14	71,5	-0,11
Couros e peles	105,0	0,01	95,7	-0,02
Química	109,5	1,74	112,5	2,91
Farmacêutica	97,9	-0,05	-	-
Perfumaria, sabões e velas	103,0	0,03	97,7	-0,01
Produtos de matérias plásticas	103,0	0,07	81,6	-0,28
Têxtil	103,9	0,22	90,0	-0,32
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	92,5	-0,31	118,1	0,33
Produtos alimentares	101,9	0,16	101,5	0,40
Bebidas	115,1	0,14	127,9	0,28
Fumo	121,1	0,02	128,7	0,22
Indústria geral	108,7	8,68	109,2	9,21

(continua)

Tabela 2

Desempenho industrial regional, segundo os gêneros industriais,
em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina
e no Rio Grande do Sul - 1994

GÊNEROS	SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	104,7	0,10	107,2	0,02
Minerais não metálicos	94,2	-0,38	104,9	0,08
Metalúrgica	125,1	1,59	111,7	0,89
Mecânica	119,4	1,85	138,3	5,75
Material elétrico e de comunicação	126,2	1,04	124,4	0,75
Material de transporte	97,5	-0,04	121,4	0,85
Madeira	104,8	0,31	98,0	-0,03
Mobiliário	98,0	-0,06	105,4	0,16
Papel e papelão	106,0	0,31	98,5	-0,03
Borracha	-	-	105,2	0,10
Couros e peles	74,3	-0,12	89,9	-0,27
Química	106,0	0,06	110,7	1,74
Farmacêutica	-	-	-	-
Perfumaria, sabões e velas	-	-	105,7	0,02
Produtos de matérias plásticas	118,9	0,74	96,3	-0,05
Têxtil	107,3	0,81	122,7	0,45
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	93,3	-0,88	90,6	-1,21
Produtos alimentares	108,6	1,87	97,4	-0,44
Bebidas	91,3	-0,04	105,2	0,13
Fumo	47,8	-1,74	74,7	-1,38
Indústria geral	105,4	5,42	107,5	7,53

FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Regional, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

NOTA: Composição do crescimento do indicador acumulado em jan.-dez.

A Tabela 2 permite uma comparação entre o desempenho da indústria gaúcha e o da indústria paulista, da paranaense e da catarinense no ano de 1994. Dentre esses estados, o melhor desempenho ficou com a indústria paranaense (9,21%), seguido pela indústria paulista (8,68%), pela gaúcha (7,53%) e pela catarinense (5,42%).

Observa-se que o bom desempenho do gênero mecânica foi bastante importante para o resultado obtido em todos os estados, destacadamente no Rio Grande do Sul (contribuição de 5,75 pontos percentuais) e em São Paulo (2,33 pontos percentuais). O gênero química salienta-se na indústria paranaense (contribuição de 2,91 pontos percentuais), na paulista (1,74 ponto

percentual) e na gaúcha (1,74 ponto percentual). Material de transporte tem participação importante no crescimento da indústria paranaense (2,74 pontos percentuais).

Note-se, com mais detalhe, que dois gêneros já citados — vestuário, calçados e artefatos de tecido (contribuição negativa de 1,21 ponto percentual) e fumo (contribuição negativa de 1,38 ponto percentual) — impediram um melhor resultado para a indústria gaúcha em 1994. O gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido foi afetado especialmente pela redução nas exportações de calçados ocorrida durante o ano passado. Além da forte concorrência de parte dos países asiáticos nesse mercado, também fatores macroeconômicos advindos da formulação e da condução do plano de estabilização, como a valorização cambial, tiveram influência nessa queda.

Já a indústria do fumo foi prejudicada por uma fraca safra do produto no Estado, determinando um desempenho bastante inferior ao de 1993.

Bibliografia

CONJUNTURA ECONÔMICA (1995). Rio de Janeiro: FGV, v.49, n.3, mar.

INFORME CONJUNTURAL CNI (1995). Rio de Janeiro, n.106, mar.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1995). Rio de Janeiro: IBGE, jan.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Regional, produção física (1994). Rio de Janeiro: IBGE, dez.